

**José Leon Machado: *Ao Sol da Tarde*. Braga:
Edições Vercial, 2023, 298 pp.**

Maria Luísa de Castro Soares (CEL / UTAD)

DOI: 10.58155/revistadeletras.v1i9.575



José Leon Machado, consagrado pela mestria narrativa, apresenta *Ao Sol da Tarde* (2023), uma obra que transcende o simples romance, assumindo-se como um espelho das complexidades da condição humana contemporânea. Inserido num contexto pós-pandémico e marcado por crises globais, o livro não só acompanha a jornada de Marco Túlio Ferreira, como também lança o leitor numa reflexão sobre a sociedade, a cultura e as relações humanas num mundo em constante transformação.

O romance desenvolve-se em torno de duas viagens significativas de Marco Túlio Ferreira, um professor universitário que, ao intercalar trabalho e lazer, procura sentido para a sua existência. Em Cabo Verde, depara-se com uma realidade de contrastes culturais e sociais que o intrigam, enquanto nos Açores reencontra um espaço repleto de memórias, redescobrimo cheiros, sabores e paisagens que marcaram a sua vida.

Em Cabo Verde, Marco Túlio é confrontado com desigualdades sociais e culturais que o desconcertam. Mais do que um mero cenário, o arquipélago emerge como um espaço de confronto com o *outro* e com a diferença. A descrição meticulosa do quotidiano cabo-verdiano – marcada por assimetrias de poder e perceções culturais – confere peculiaridade à narrativa. O desconforto do protagonista em festividades locais, no mercado de Sucupira e no contacto com Zenaida ilustra um choque cultural que o leitor sente quase de forma tangível. Por outro lado, a viagem aos Açores é uma imer-

são nostálgica, repleta de memórias e emoções despertadas pelas paisagens e pelos encontros fortuitos. Ao explorar a Horta, o Pico e outras localidades emblemáticas, o autor evoca a conexão emocional do protagonista com o espaço e os seus habitantes, enquanto as suas envolvências com Vanda e Esperança reiteram a centralidade do poliamor e do efémero na sua vida.

Para além das viagens, um elemento-chave da narrativa é a decisão de Marco Túlio de acolher quatro refugiadas ucranianas na sua casa: Olena, Katya, Yana e a pequena Nadezhda. Este gesto humanitário confere algum propósito à sua vida num momento em que as desilusões o levam a duvidar de si e dos outros. Num mundo marcado pela violência e pela instabilidade – manipulada pelos senhores da informação, do dinheiro e da guerra – as interações com estas mulheres despertam em Marco Túlio reflexões sobre empatia, solidariedade e o sentido do amor.

Marco Túlio Ferreira, figura já familiar de obras anteriores de José Leon Machado, ressurgue neste romance como um homem que ultrapassou a meia-idade e que enfrenta os desafios da maturidade. Apesar disso, mantém-se fiel à sua faceta de sedutor e explorador emocional. A busca incessante de relações amorosas e a recusa de compromissos duradouros refletem a superficialidade e o individualismo de uma geração que procura escapar à solidão sem, contudo, conseguir transcendê-la.

A chegada das refugiadas ucranianas marca um ponto de viragem na sua trajetória, oferecendo um contraponto à sua vida emocional fragmentada. Embora Marco Túlio continue a manter relações superficiais e efémeras, o contacto com estas mulheres permite-lhe explorar dimensões afetivas e questionar os próprios valores. Contudo, mesmo diante desta oportunidade de mudança, permanece preso à incerteza e ao transitório.

A última frase do romance, com a promessa do protagonista de não voltar “a deixar-se cair na incerteza do efémero”, aponta para uma reflexão tardia sobre o vazio existencial, evocando figuras literárias como a do mito de Don Juan, na obra *El burlador de Sevilla o El convidado de piedra*, de Tirso de Molina ou o *Dom Juan* de Molière. Tal como estas, Marco Túlio é um arquétipo do sedutor em crise, consciente de que a vida vivida apenas à superfície está inevitavelmente condenada à solidão.

Mais do que uma narrativa sobre viagens ou de encontros românticos e erótico-hedonistas, *Ao Sol da Tarde* aborda temas que ecoam de forma profunda na atualidade. José Leon Machado explora desigualdades globais (particularmente visíveis na passagem por Cabo Verde), o impacto da guerra na Ucrânia, e questões éticas e sociais, como os assédios no meio académico.

O romance leva a refletir também sobre a natureza volátil da sociedade contemporânea, onde a violência e a instabilidade são manipuladas por interesses poderosos. Neste contexto, Marco Túlio procura encontrar sentido para a sua existência, questionando se o amor, mesmo em tempos tão conturbados, ainda pode fazer sentido.

A tapeçaria narrativa é tecida com uma atenção aos detalhes e uma sensibilidade para o cotidiano do homem comum, apresentando personagens e situações que, longe de heróis idealizados, revelam a complexidade da existência humana. A linguagem simples e próxima do coloquial reforça esta abordagem, tornando as vivências do protagonista acessíveis e credíveis, enquanto o uso de flashbacks e uma estrutura temporal não linear acrescentam dinamismo e estimulam a curiosidade do leitor.

Com *Ao Sol da Tarde*, José Leon Machado entrega uma obra que vai muito além de uma história pessoal. É uma reflexão sobre o que significa ser humano num mundo em mudança constante. Marco Túlio, com as suas conquistas fugazes, dilemas existenciais e interação com as refugiadas ucranianas, torna-se uma figura representativa de uma sociedade em busca de propósito e conexão.

A prosa hábil de Machado – que equilibra erotismo em representações da fisiologia do desejo, humor, introspeção, paisagem e uma análise minuciosa dos costumes – prende o leitor do início ao fim. Este romance não é apenas uma leitura, mas uma experiência que ressoa mesmo após o fecho do livro.

Para quem procura uma narrativa que capte as nuances da vida contemporânea, *Ao Sol da Tarde* é uma obra indispensável, reafirmando o lugar de José Leon Machado como um dos escritores do nosso tempo. Num mundo onde a instabilidade reina, o livro sugere que talvez, apesar de tudo, o amor ainda faça sentido.